

## **RUMO À NOVA AMÉRICA: PÓS-MODERNISMO, TRABALHO E EDUCAÇÃO SUPERIOR NO SUBÚRBIO DO RIO DE JANEIRO.**

**SASSI**, Luiza Cristina Rangel - UFF

**RODRIGUES**, José dos Santos - UFF

**GT**: Trabalho e Educação/n. 09

**Agência Financiadora**: CNPq e FAPERJ

Observada de longe, ainda na Linha Amarela – via expressa que liga a zona norte à zona oeste do Rio de Janeiro -, a coluna avermelhada da chaminé de cerca de 20 metros de altura, típica das construções fabris inglesas do século XIX, mantém inalterada a imagem de Del Castilho, um antigo e tradicional bairro industrial carioca, que guardamos na memória. Aparentemente, a magnífica fábrica Nova América continua lá.

Dentro do automóvel, a temperatura é amena e a música da rádio FM acolhedora, contrastando com o ruído ensurdecido do trânsito que começa a engarrafar e o sol inclemente que eleva a temperatura acima dos 35°C.

A via expressa é ladeada por favelas, algumas destas contornadas pela alça de um elevador que nos conduz diretamente às novas cancelas da valha fábrica, hoje transformada num grande *shopping center* de compras a varejo. O “associado” que opera a cancela – solícito e sorridente – digita os dados do automóvel e entrega um cartão de controle desejando um padronizado “boas compras”.

Sobressaindo no imenso estacionamento, a imponente arquitetura de tijolos aparentes da valha fábrica de tecidos apresenta, contudo, grandes pórticos de aço e alumínio pintados em azul que evidenciam a sua mudança de *status*: ocupando o lugar dos operários, das máquinas e dos tecidos para a confecção doméstica de fraldas ali produzidas, consumidores e mercadorias – materiais e imateriais – espalham-se pelos amplos corredores e lojas de todos os tipos.

No pátio, lotado de automóveis, estacionamos numa das entradas laterais da ex-fábrica e atual *shopping center*.

Uma passarela de aço e policarbonato ligando dois blocos de edifícios

perpendiculares ao conjunto principal da construção emoldura um quiosque que exala o inconfundível aroma *McWorld*, como um “cartão de boas vindas” aos visitantes.

Pacífica e alegremente, jovens consumidores ocupam as mesinhas próximas ao quiosque com suas risadas, seus sorvetes e seus cigarros, enquanto um guarda privado armado zela pela segurança patrimonial de uma grande empresa de venda de mercadorias imateriais.

Próximo ao quiosque, um enorme *display* exigindo a logomarca da empresa se destaca dos cartazes dos bancos eletrônicos, do cabeleleiro, do jornaleiro, da tabacaria. Trata-se da UNESA, Universidade Estácio de Sá, anunciando serviços educacionais de nível superior no seu *campus* universitário no Shopping Nova América.



Ilustração 1: Vista da passarela que liga os prédios utilizados pela UNESA no Shopping Nova América. Na ilustração está omitido o imenso pórtico. (Disponível em <http://www.novaamerica.com.br/>. Acesso em: 08.fev.03).

Estamos no espaço-tempo pós-moderno do capitalismo tardio, em pleno subúrbio favelizado da “cidade maravilhosa”; a sensação só pode ser de vertigem: estaríamos ingressando no simulacro da Nova América?

Nosso objeto de estudo é o *espaço Nova América*, território ocupado entre 1925 e 1991 pela Companhia Nacional de Tecidos Nova América (CNTNA), e em seguida pelo Shopping Nova América (SNA). A primeira, função, símbolo da industrialização tardia brasileira; a segunda, signo da economia globalizada onde se comercializam os mais variados produtos - de sanduíches a cursos de graduação, inclusive Pedagogia.

Em outras palavras, a pesquisa ora proposta parte da hipótese que o espaço Nova América representa o microcosmo das transformações sociais processadas no Modo de Produção Capitalista do século XX. Um espaço que expõe os movimentos contraditórios das transformações urbanas, arquitetônicas e culturais do processo de industrialização tardia, do ingresso do país na Acumulação Flexível, das chamadas “novas universidades”

privadas), da hipertrofia do setor terciário da economia, enfim, um espaço que sintetiza a condição pós-moderna do Capitalismo Tardio.

Assim, pretende-se investigar as transformações recentes da educação superior no Brasil, principalmente o seu subsistema privado, a partir da análise das relações sociais que atravessam, determinam, produzem e transformaram o espaço Nova América.

### **Rumo á Nova América: Pós-Modernismo, Trabalho e Educação Superior no Subúrbio do Rio de Janeiro.**

Em 1970, durante o processo de expansão da educação superior privada, promovido pelo regime militar, nasceu com cerca de 80 alunos, a Faculdade Estácio de Sá. No final do século XX, em plena nova expansão do setor educacional, gora incentivada pelos governos democraticamente eleitos, a partir de Fernando Collor de Melo, a Universidade Estácio de Sá (UNESA), possuía cerca de 30.000 estudantes, alcançando o segundo lugar em corpo discente – ficando atrás apenas da maior universidade federal brasileira, a UFRJ (cerca de 42000 estudantes). Em 2002, a UNESA alcançou 60000 matrículas, ultrapassando duas das mais tradicionais universidades brasileiras, a USP e a UFRJ, tornando-se a segunda maior universidade brasileira, em matrículas. A primeira colocada, também privada, é a Universidade Paulista (UNIP), que integra o Grupo Objetivo (Folha de São Paulo, 20 jan.2003).

A “receita” de tal crescimento foi sintetizado pela revista Veja Rio (ano 9, nº 25, junho, 1999): 1. vestibular fácil; 2. grande variedade de cursos; 3. mensalidades de baixo custo; 4. marketing que aponta para a empregabilidade<sup>1</sup> Pode-se acrescentar, a leniência do poder público, especificamente, do Ministério da Educação para com a instalação e o funcionamento de tais empresas educacionais.

O processo de expansão da educação superior no grande Rio tem se dado em todos os espaços possíveis – em prédios próprios, em escolas de Educação Básica, em parques de diversão<sup>2</sup>, em *shopping centers*<sup>3</sup>. (cf. tabela abaixo).

---

<sup>1</sup> Sobre a noção de empregabilidade, ver Rodrigues (1997)

<sup>2</sup> A UNESA possui uma unidade no parque Terra Encantada, na Barra da Tijuca.

<sup>3</sup> Entendemos por *shopping center* um empreendimento imobiliário de iniciativa privada que reúne, em um ou mais edifícios contíguos, lojas alugadas para comércio varejista ou serviços. A estrutura e o funcionamento do empreendimento são controlados por um setor

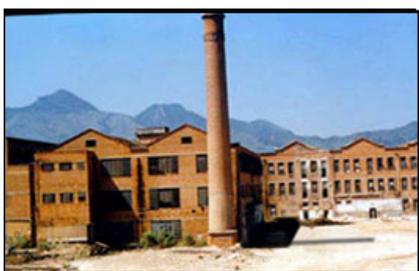
Tabela 1:  
Distribuição de IES or shopping centers no Grande Rio

IES	SHOPPING CENTER	MUNICÍPIO
UNESA	Iguatemi	Rio de Janeiro
UNESA	West Shopping	Rio de Janeiro
UNESA	Barra World	Rio de Janeiro
UNESA	Shopping Nova América	Rio de Janeiro
UNIPLI	Camboinhas Mall	Niterói
Universo	Itaipu Multicenter	Niterói
UGF	DownTown	Rio de Janeiro

Fonte: Administrações dos shopping centers, 2002.

A proliferação de unidades de educação superior em espaços não tradicionais confirma a análise de Harvey (1992), que aponta para a ultrapassagem do modelo urbano de *especialização espacial funcional*, característica do Fordismo, caminhando na direção de um processo de agregação e aglomeração espacial, característica do Padrão de Acumulação Flexível<sup>4</sup>.

O Shopping Nova América, como mencionado na introdução, ocupou e transformou as antigas e desativadas (1991) instalações da Companhia Nacional de Tecidos Nova América, preservando e, ao mesmo tempo, transformando a sua arquitetura tipicamente inglesa, dando-lhe características pós-modernas<sup>5</sup>.



Fotografia 1: Vista lateral do prédio original da Companhia Nacional de Tecidos Nova América. Sem autor, sem data. Disponível em <<http://www.novaamerica.com.br/historico.htm>>. Acesso em 8 jan.2003

admi  
(CF. l  
4 Cf.ii  
5 Sot

nento



Fotografia 2: Vista lateral do SNA. Observam-se o portal e as logomarcas da UNESA e, mais à direita, da C&A, além da chaminé desativada da antiga fábrica (foto de Luiza Sassi, outubro, 2002).

O espaço Nova América – ontem, fábrica têxtil; hoje, *shopping center* – e o seu entorno representam de forma condensada uma série de transformações econômicas, industriais, urbano-geográficas e culturais, inclusive, educacionais, pelas quais as cidades e as sociedades situadas na semiperiferia das economias centrais do Modo de produção Capitalista, das quais o Brasil é um representante especial dada a rápida e dramática industrialização (1930-1980) de caráter Fordista, seguida das novas transformações sociais oriundas da Acumulação Flexível (a partir de 1990)<sup>6</sup>

Nas palavras de Milton Santos,

*Consideramos o espaço como uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isso significa que, como instância, ele contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida. A economia está no espaço, assim como o espaço na economia. O mesmo se dá com o político-institucional e com o cultural-ideológico. (Santos, 1997, p.1. Grifos do autor)*

Ou seja,

*Isso quer dizer que essência do espaço é social. Nesse caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a natureza. O espaço é tudo isso, mas a sociedade:*

<sup>6</sup> Oliveira(1991) realizou uma análise, no campo da geografia urbana, sobre o que poderíamos denominar por analogia, do espaço Bangu, ou seja, a transformação de uma fazenda em fábrica têxtil e a constituição de, praticamente, uma cidade em seu entorno.

*cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. (Idem, ibidem).*

Enfim, a hipótese da investigação é que o espaço Nova América representa o microcosmo das transformações sociais processadas no Modo de Produção Capitalista do século XX, particularmente, naquelas formações sociais da semiperiferia. Um espaço que expõe os movimentos contraditórios das transformações urbanas e arquitetônicas, do processo de industrialização tardia, do ingresso do país na Acumulação Flexível, das chamadas “novas universidades” (privadas).

## Bibliografia

- ALMEIDA, Cleide Rita Silvério de. O brasão e o logotipo: um estudo das novas universidades na cidade de São Paulo. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ANDERSON, Perry. "Modernidade e revolução". In: Revista Novos Estudos. São Paulo, CEBRAP, número 14, 1985. p.2-15.
- . As origens da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. (5ª ed.). São Paulo: Loyola, 1992.
- HOBBSAWM, Eric. A era dos extremos: O breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- em Geografia).
- OLIVEIRA, Marcos Marques de. A política governamental de ciência e tecnologia: da C&T à CT&I. In: NEVES, Lúcia (org.). O empresariamento da educação: novos contornos do ensino superior no Brasil dos anos 1990. São Paulo: Xamã, 2002.
- PINTAUDI, Silvana Maria. Shopping center no Brasil: condições de surgimento e estratégias de localização. In: PINTAUDI, Silvana Maria & FRÚGOLI Jr., Heitor (orgs.). Shopping centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras. São Paulo: EdUNESP, 1992.
- PINTAUDI, Silvana Maria & FRÚGOLI Jr., Heitor (orgs.). Shopping centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras. São Paulo: EdUNESP, 1992.
- REIS, Ronaldo. "Conformismo pós-moderno e nostalgia moderna". In Revista da UFRRJ. 1999-2000. Série Ciências Humanas.
- RODRIGUES, José. Da teoria do capital humano à empregabilidade: um ensaio sobre as crises do capital e a educação brasileira. Trabalho & Educação. Belo Horizonte: NETE-UFMG, nº 2, ago./dez., 1997.
- RODRIGUES, José. O moderno príncipe industrial: o pensamento pedagógico da Confederação Nacional da Indústria. Campinas: Autores Associados, 1998.

